

A Avaliação na Narrativa

Solange de Azambuja Lira

Neste trabalho pretendo analisar e discutir o papel da avaliação na narrativa de acordo com o modelo de Labov. A avaliação segundo Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) é uma suspensão da ação básica da narrativa que tem por finalidade informar sobre a carga dramática ou o clima emocional da situação, eventos e protagonistas. É, segundo Labov, a razão de ser da narrativa, o meio que o narrador tem de indicar porque a estória é digna de ser narrada. Com a avaliação o narrador pode também enfatizar mais certos eventos do que outros e aumentar a sua influência no desenrolar dos eventos. A avaliação é um dos elementos estruturais da narrativa.

Labov (1972:359-360) define a narrativa como "um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma seqüência verbal de orações a seqüência de eventos que (segundo se infere) ocorreram efetivamente." Os outros elementos estruturais da narrativa são: **sinopse** onde temos os eventos mais salientes da narrativa de uma forma resumida. Ela ocorre no início da narrativa e geralmente responde a pergunta inicial do entrevistador. Este não é um elemento essencial da narrativa, anuncia o que está por vir. Os verbos nesta seção geralmente encontram-se no pretérito perfeito; **orientação** é a seção da narrativa que indica para o ouvinte o tempo, lugar, as pessoas e a situação da fala. A contextualização é feita através desta seção e assim ela geralmente inicia ou vem logo depois da sinopse em forma de orações livres. Ela pode ocorrer durante toda a narrativa e até vir encaixada em outras seções como veremos mais tarde na análise das narrativas.¹ Nas seqüências de orientação vamos encontrar um número expressivo de verbos no imperfeito sem que esta característica seja exclusiva pois também temos verbos no perfeito e gerúndio como podemos ver nas narrativas 2 e 3: a **ação complicadora** é a seção que relata a estória através de uma série de orações de narrativa concatenadas.² É a unidade básica da narrativa e confunde-se com a própria definição de

narrativa. As orações de narrativa são orações independentes que são temporalmente ordenadas, isto é, relacionam-se com a ordem dos eventos ocorridos de tal forma que uma alteração na disposição sintática de tais orações resultaria na quebra da seqüência original dos acontecimentos. A seqüência:

- v Ai entrou aqui,
- x Ai foi lá no quarto, (narr. 2)

não poderia ser invertida sem causar um estranhamento semântico.

Por isso, é atribuída à narrativa a função referencial pois ela tem a capacidade de recuperar lingüisticamente a seqüência temporal original dos eventos e reorganizá-los. Entretanto, há outros tipos de orações que também podem ocorrer na seção complicadora — as orações restritivas e coordenadas. Estas diferem das orações de narrativa pois podem ser movidas dentro da narrativa sem prejuízo semântico como por exemplo as orações coordenadas s e t da narrativa 3. O pretérito perfeito é o tempo verbal mais freqüente desta seção sendo o presente também importante como veremos mais tarde; a resolução seria a conclusão da ação complicadora e a coda marca o fim da narrativa e tem a função de trazer o ouvinte de volta ao tempo presente como a oração u da narrativa 1. A narrativa 1 apresenta todos os elementos estruturais e é um caso excepcional de economia narrativa.

1. A Avaliação

Como vimos anteriormente, a avaliação tem por finalidade comunicar ao ouvinte o ponto de vista do narrador em relação à estória por ele narrada. Quando ao informar da carga dramática ou clima emocional da situação ou protagonista, o narrador suspende a ação, a avaliação tem uma função estrutural. Entretanto tanto em Labov e Waletzky (1967) quanto em Labov (1972) e na nossa análise fica claro que a avaliação nem sempre suspende a ação. Labov (1972: 369) considera a avaliação como uma estrutura secundária que está concentrada na seção de avaliação mas que pode ser encontrada de diversas formas em qualquer ponto da narrativa. Qualquer elemento

que indique o valor de certos eventos em relação ao ponto de vista da estória ou que dê relevo de alguma forma ao narrador, aos protagonistas e à situação, pode ser considerado como um elemento avaliativo do texto. Assim a definição fundamental da avaliação deve ser **semântica**. A fim de podermos analisar a avaliação nas narrativas do português precisamos fazer uma revisão rápida do modelo de avaliação de Labov (1972) para que a terminologia usada mais tarde seja familiar ao leitor. Segundo Labov a avaliação pode ser: (1) **Externa** - Neste tipo de avaliação o narrador pára a narrativa, vira-se para o ouvinte e lhe comunica qual é o seu ponto de vista sobre o fato narrado. Aqui a função da avaliação é essencialmente estrutural e há necessariamente a suspensão da ação como por exemplo na oração d "Foi muito bacana!" da narrativa 2. (2) **Avaliação encaixada** - A avaliação vem encaixada na narrativa preservando assim a sua continuidade dramática. Corresponde ao uso do discurso direto na narrativa. Há diversos tipos de avaliação encaixada; o narrador pode fazer uma observação sobre o evento como em:

p Aí eu disse:

- Meu Deus! Pai eterno vem descendo! (narrativa 2)

Ou o narrador pode também citar o que ele falou para uma segunda pessoa como em:

jj Aí eu disse assim:

- Não senhor. Tenho não. Sou brasileira.

Ou o narrador pode introduzir uma terceira pessoa que avalia os eventos para ele:

k Disse assim:

- Mãe, mãe! A senhora é rica!

(3) **Ação avaliativa** - Seria um outro passo em direção ao encaixamento dos recursos avaliativos da narração. O narrador descreve o que as pessoas fizeram em vez de o que elas disseram:

t Não sei

como foi

que eu fiquei

Eu fiquei toda dormente. (narrativa 2)

(4) **Elementos avaliativos** - Quando os elementos sintáticos servem para que o narrador comunique o seu ponto de vista, eles então podem ser identificados como elementos avaliativos. Os elementos avaliativos ocorrem nas seções de avaliação e em todos os pontos da narrativa. Eles são: a) **Intensificadores**: Um dos elementos da narrativa é selecionado para ser intensificado ou reforçado. Entre os intensificadores mais comuns podemos citar as repetições, os quantificadores, a fonologia expressiva; b) **Comparadores**: Eventos que ocorreram são comparados com os que não ocorreram. São comparadores além dos comparativos propriamente ditos, os futuros, os modais e o imperativo. c) **Correlativos**: Dois eventos que realmente aconteceram são correlacionados em uma única oração independente. Os progressivos, apostos, adjetivos duplos, são os correlativos mais comuns; d) **Explicativos**: A explicação de vários eventos de uma narrativa geralmente tem uma função avaliativa.

Podemos então passar à análise de duas narrativas de experiência pessoal para podermos ver a amplitude da avaliação nas narrativas. Nas duas narrativas que passaremos a discutir, a narradora relata a visita do Papa João XXIII à favela em que mora. A reportabilidade destas narrativas é o fato extraordinário de ter sido a sua casa escolhida na hora para que o Papa visitasse. A narradora tem 64 anos e frequentou somente um ano da escola. Esta entrevista foi feita segundo a metodologia Laboviana da entrevista sociolinguística (Labov 1972a).

Ambas as narrativas relatam a visita do Papa à casa da narradora. Na narrativa 2, os protagonistas principais são a narradora e o Papa. Temos a descrição do cenário, a chegada do Papa, a escolha da casa da narradora para a visitação papal, o modo como a narradora sentiu-se e o que o Papa visitou na casa dela e o diálogo com o Papa. Na narrativa 3, a narradora inicia relatando a chegada de seu filho ao local da visita do Papa e o coloca como protagonista principal com a função de avaliar não somente o evento mas também o papel da mãe no evento. Este recurso, o de introduzir uma terceira pessoa para avaliar os eventos, é segundo

Labov (1972) utilizado somente por narradores mais velhos, de grande habilidade, da classe trabalhadora. Nesta narrativa, outros detalhes são dados sobre a visitação papal. Estruturalmente as duas narrativas diferem bastante, refletindo este ponto de vista distinto:

Tabela 1 - Partes Estruturais da Narrativa

	Número de Orações Independentes com Subordinadas	
	Narrativa 2	Narrativa 3
Ação Orientadora	13 (19%)	7 (14%)
Ação Complicadora	36 (54%)	37 (74%)
Ação Avaliadora	18 (26%)	6 (12%)

Na narrativa 2 há um maior equilíbrio entre as partes estruturais e a avaliação aparece como estrutura primária, 26%. Na narrativa 3 há um predomínio muito grande da ação complicadora e a ação avaliadora só aparece como estrutura primária, 12%. Veremos na análise de cada narrativa como os recursos avaliativos são distribuídos e o que a diferença estrutural representa em termos da avaliação.

A narrativa 2 inicia com uma seção de orientação (a-c) onde já podemos observar recursos avaliativos como a repetição do quantificador 'tudo' três vezes. O uso de "cantando" no gerúndio em vez do tempo verbal mais comum da seção de orientação, o imperfeito, dá uma idéia mais viva do cenário e pode ser considerado um recurso avaliativo também. Antes de iniciar mais uma seção de orientação (e-h) temos em d uma avaliação externa 'Foi muito bacana!'. Na seção de orientação e-h, vemos a intensificação da ação com a repetição do verbo 'tocar' e o uso do gerúndio tornando novamente a cena mais viva. O substantivo 'microfone' é repetido e deslocado de sua posição canônica na oração. Em 'até' temos também um recurso de fonologia expressiva com entoação ascendente. Novamente a seção de orientação é seguida por uma avaliação externa em i 'Foi maravilhoso!'. A oração m é uma avaliação pois repete a l e a nar-

radora usou gestos para demonstrar como segurou a tacha. Pode ser considerada uma avaliação externa pois houve suspensão da ação e a narradora dirigiu-se à ouvinte 'né'? Em n temos um exemplo de ação avaliativa e o uso de comparadores quando a narradora compara o Papa com Deus. Em 'Deus' novamente temos uma entoação ascendente - um recurso de fonologia expressiva que é um intensificador. Esta seção de avaliação termina com uma avaliação externa em o 'Menina aquela lindeza!' Em p temos um exemplo de avaliação em que o narrador, em forma de discurso direto, faz uma observação sobre o evento. Esta oração não pode ser considerada parte da ação complicadora pois não expressa uma ação. Vemos aqui também o uso do vocativo 'Meu Deus!' e o uso da comparação 'Papa = Pai Eterno = Deus'. Na oração r e subordinadas temos a ação complicadora. Na ação complicadora a narradora faz uma avaliação encaixada quando coloca o Cardeal dando a informação mais importante da narrativa - que o Papa ia visitar a sua casa. Vemos o imperativo 'pode parar' mitigado pelo modal. A ação complicadora prossegue em s, imediatamente seguida por uma seção de avaliação que podemos considerar como uma ação avaliativa t. Aqui também temos recursos avaliativos como comparadores 'não sei,' 'como'. A narradora tenta comunicar ao ouvinte o seu estado emocional. Na seqüência v-aa temos uma série de orações coordenadas que fazem parte da ação complicadora. A oração bb é avaliativa pois a narradora suspendeu a ação e dirigiu-se à ouvinte.

Na seqüência ee-ii há várias formas de avaliação encaixada. O Papa perguntando à narradora (ee), a narradora respondendo, com o uso do verbo dizer no presente 'digo' (ff) e o Papa respondendo agora sem o verbo dizer que é o máximo de dramatização da ação (gg). O "diálogo" prossegue em hh, é interrompido em ii e prossegue em jj. Toda esta seqüência faz parte da ação complicadora (cc-kk). Vemos que este tipo de avaliação ocorre como parte integrante da ação complicadora. Aqui a avaliação funde-se com a complicação conferindo-lhe sentido e unidade. Temos a dramatização da ação que é um recurso avaliativo muito rico. Após esta longa seqüência de ação complicadora temos em ll um exemplo de ação avaliativa 'Ai eu fiquei tremendo' e em mm a suspensão da ação com outra avalia-

ção agora utilizando um comparador. Em nn temos novamente uma avaliação tentando enfatizar o estado emocional da narradora. Seque uma seção de orientação (oo-pp), uma de ação complicadora (qq-ss) que novamente é dramatizada ao seu máximo pois não temos a existência do verbo dizer. Podemos resumir na tabela abaixo os recursos avaliativos usados pela narradora nesta narrativa.

Tabela 2 - Estrutura e Tipo de Avaliação

	Avaliação Externa	Avaliação Encaixada	Ação Avaliativa	Intensificativa	Comparativos	Contrativos	Explicativos	Outros	Total
Orientação	-	-	-	2	-	-	-	3	5
Complicação	-	7	-	2	1	-	-	2	12
Avaliação	5	1	4	2	5	-	-	1	18
Total	5	8	4	6	6	-	-	6	35

Vemos que os recursos avaliativos concentram-se na seção de avaliação mas também ocorrem em outras estruturas, não havendo limites. Assim as avaliações encontradas no texto fazem parte de sua própria sintaxe interna, garantindo uma economia narrativa à medida que informam sobre o caráter das personagens, a situação do falante, conferindo unidade e coesão à ação.

Labov (1981) discute os conceitos de **reportabilidade** e **credibilidade** de uma narrativa. Um evento é reportável se ele provoca reações como - 'Verdade?', 'É mesmo?', 'Puxa:' - e não-reportável se dizemos - 'Uh-hum', 'sei...', etc. A reportabilidade é o atributo do que é narrável de acordo com os valores culturais de cada povo e a adequação à situação de fala. A visita do Papa a uma favela já é por si só um assunto reportável em um país católico como o nosso, mas a visita do Papa a casa de uma pessoa da favela, tem um grau altíssimo de reportabilidade. É uma situação especial e pouco comum. Assim, a credibilidade de um evento altamente reportável é menor do que de um evento não-reportável. A credibilidade de um fato é dada pelo encadeamento de situações que são narradas

e que conferem veracidade à história. A avaliação dada na narrativa e sua objetividade são fatores essenciais para que um fato tenha credibilidade. A retomada da narrativa por Elza é exatamente um esforço para que a sua estória tenha um alto grau de credibilidade. Ela como 'boa' narradora constrói outra narrativa em que os fatos agora serão narrados por uma terceira pessoa, seu filho, que tem a função de aumentar o papel da narradora na história. Nesta segunda narrativa ela também acrescenta muitos outros fatos que não aparecem na primeira narrativa.

Como vimos na Tabela 1, a estrutura da narrativa 3 é muito diferente da da 2. A ação avaliadora como estrutura primária abarca somente 6% das orações da narrativa. Isto significa que a avaliação da narrativa, quando aparecer, deverá ser uma estrutura secundária, encaixada nas outras estruturas primárias.

A narrativa 3 começa a partir do momento que o Papa entrou na casa de D. Elza. Temos em a uma **seção de orientação** e de **ação complicadora** - 'meu filho foi chegando' aqui o uso de 'ir + gerúndio' expressa uma ação durativa que vai ser realizada em etapas sucessivas. O uso desta locução verbal faz com que a narrativa fique mais vívida e dramática, dando a idéia de movimento mais do que o pretérito perfeito daria. Assim podemos considerar o uso deste tempo como um recurso avaliativo. Logo em seguida temos em b uma **orientação** encaixada na **ação complicadora** que nos informa o que o filho de D. Elza fazia. Esta informação é importante para caracterizar o filho de D. Elza e por isso podemos dizer que tem uma função avaliativa. Em seguida temos a **ação complicadora** expressa pela locução verbal 'foi entrando' que tem a mesma função da anterior a. Na seqüência d-f temos a ação complicadora dramatizada e por isso com função avaliativa. Esta seqüência é crucial para o ponto de vista da estória. Em d o filho pergunta onde está o Papa, aqui vemos o léxico auxiliando a função avaliativa 'Sua Santidade'. Note que a narradora não pode ter visto essa cena; ou ela foi imaginada ou contada pelo filho mais tarde. Em e temos a impessoalidade de 'disseram' e a indeterminação da resposta 'aquela casa'. Em f vemos o clímax desta seqüência, o espanto do filho ao descobrir que o Papa estava na casa de sua mãe. Evidentemente que

esta ação complicadora tem também uma função avaliativa. Afinal esta história está sendo narrada pela D. Elza que não presenciou esta cena narrada. A razão de ser desta cena é a de salientar a reportabilidade dos eventos. A seqüência f-g é estranha. Temos o resultado da ação em g 'Os policiais não deixaram ele passar', mas não temos a ação - a tentativa de passar. Em i temos a repetição da ação complicadora em h e por isso podemos considerar esta repetição como um recurso avaliativo. Em j temos novamente uma orientação encaixada na ação complicadora 'chorando' que aqui também tem uma função avaliativa pois contribui para o ponto de vista da história. Em k continuamos com a ação complicadora que vem com a avaliação encaixada. Aqui temos o clímax da história, a razão de ser desta segunda narrativa - a avaliação que o filho faz da mãe. Vemos aqui muitos elementos avaliativos - repetição 'mãe, a senhora é rica' e superlativo 'a senhora é a mulher mais feliz do mundo!' Em m temos a ação complicadora dramatizada e em n também. Aqui ela tem uma função avaliativa importante pois está identificando o filho de D. Elza como o Presidente da Associação dos Moradores da vila, posição de muito respeito na comunidade. E vemos que Arnaldo acabou de avaliar o papel de sua mãe. Em o e p temos novamente a ação complicadora dramatizada. De q a t temos uma série de orações coordenadas que fazem parte da ação complicadora e que também têm uma função avaliativa transmitida pela repetição do comportamento do Papa com a narradora e seu filho. Em u temos a ação complicadora novamente dramatizada tendo uma função avaliativa muito importante pois faz da narradora e seu filho representantes do povo brasileiro. A ação complicadora continua até aa. A narrativa termina com uma seção de avaliação. Em bb e cc temos uma ação avaliativa e repetição. Em dd temos uma avaliação encaixada que expressa novamente o ponto de vista da narradora, a sua emoção pela visita do Papa a sua casa. Ela considera a visita um milagre. Podemos resumir na tabela abaixo os recursos avaliativos usados pela narradora nesta narrativa:

Tabela 3 - Estrutura e Tipo de Avaliação

	Avaliação Externa	Avaliação Encaixada	Ação Avaliativa	Intensificativa	Comparativa	Correlativos	Explicativos	Outros	Total
Orientação	2	-	-	-	-	-	-	2	4
Complicação	-	8	-	5	1	-	-	3	17
Avaliação	-	1	2	2	-	-	-	-	5
Total	2	9	2	7	1	-	-	5	26

Proporcionalmente ao número de orações das narrativas (ver Tabela 1), há a mesma quantidade de recursos avaliativos nas duas narrativas. Só que na narrativa 2 aparece mais com a avaliação (51%) e na narrativa 3, a avaliação aparece mais com a complicação (65%) pois a avaliação como estrutura primária nesta narrativa é insignificante. Assim nesta narrativa não se pode compreender a ação estruturalmente isolada da avaliação já que a avaliação é primordial para a organização da ação, dando-lhe sentido e unidade através de toda a narrativa. Nestas narrativas o recurso mais utilizado foi o da avaliação encaixada, recurso este que garante a continuidade da ação e dramatiza-a.

2. Considerações Finais

As narrativas 2 e 3 são narrativas de experiência pessoal e segundo Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) é nestas narrativas que ocorrem seções de avaliação. Segundo eles, o desencadeamento da atividade narrativa é a resposta a um estímulo exterior que não se encontra presente na narrativa de experiência vicária. Eu gostaria de argumentar que a a avaliação deve ser relacionada ao fato narrado. Quando este for significativo para o narrador - seja ele protagonista ou testemunha do mesmo - vai haver uma avaliação. As narrativas 4 e 5, ambas de experiência vicária, relatam brigas. Na narrativa 4, a narradora conta uma briga entre o seu marido e sua irmã. No final ficamos sabendo que nem testemunha ela foi da

briga - estava dormindo! Mesmo assim, temos vários tipos de avaliação nesta narrativa. A narrativa começa com a seção de orientação em **a**, seguida pela ação complicadora com o encaixamento de uma orientação que tem função avaliativa em **b**. Aqui o recurso avaliativo são as explicativas. Recurso este que não apareceu nas narrativas de experiência pessoal analisadas e que também são raras nas narrativas apresentadas por Labov (1972). A seqüência **c-g** é uma seção de orientação e avaliação ao mesmo tempo, pois temos aqui claramente o ponto de vista da narradora tentando definir os papéis dos protagonistas. Nesta seqüência temos repetições e fonologia expressiva em 'prã morrer' ambos intensificadores. Em **h-j** temos uma seção de ação complicadora com uma função avaliativa expressa por 'tanta' e 'voou'. Na seqüência **k-n** temos uma longa avaliação externa. Na seqüência **o-z** temos uma longa seção de ação complicadora sem dramatização mas com algumas avaliações expressas por minha filha em **a** ou aquela confusão toda em **v**. A resolução **x-z** é a grande surpresa para o ouvinte!

Na narrativa 5 temos o relato de uma briga que a narradora presenciou e também encontramos vários mecanismos avaliativos. A narrativa inicia com a orientação **a-c**, seguida pela sinopse da narrativa em **d-e**. Em **f** temos uma **ação avaliativa**, em **h-i** ação complicadora e em **j** e subordinadas, uma longa **seção de avaliação** em que temos intensificadores 'tanto grito, tanto grito', e a mulher 'gritando'. Temos como seção de avaliação ainda **l, n, o e r**. Isto significa que apesar desta ser uma narrativa de experiência vicária, foi altamente avaliada. Em **r** a narradora deixa entendido que o simples **ver** a cena poderia comprometê-la. Teria que servir de testemunha para a polícia mais tarde.

Nestas narrativas temos avaliação mas não temos avaliações encaixadas que dramatizam a ação. Vemos que não há economia narrativa e os fatos se repetem ou ficam confusos. Mas sem dúvida alguma não podemos dizer que não há avaliação em narrativas de experiência vicária!

O estudo da avaliação foi uma das grandes contribuições que Labov e Waletzky (1967) e Labov (1972) deram ao estudo da narrativa, mas é necessário que este tópico ainda seja mais explorado, pois

decidir o que é avaliação ou não ainda fica muito a critério do analista. Como a definição fundamental da avaliação deve ser semântica - qualquer elemento que indique o valor de certos eventos em relação ao ponto de vista da história ou que dê relevo de alguma forma ao narrador, aos protagonistas e a situação, pode ser considerado como elemento avaliativo - a decisão do que é avaliação dependerá da cultura do analista, de sua experiência de vida, será portanto, muitas vezes uma decisão intuitiva.

Notas

¹Todas as narrativas mencionadas no texto estão em anexo. Elas foram colhidas segundo a metodologia sociolinguística de entrevistas (Labov, 1972a). As narrativas 1 e 4 foram colhidas por Domingos Morey e as demais por mim.

²Os trabalhos de Schiffrin (1981), Corvalán (1983) e Morey (1986) trazem contribuições importantes sobre o tempo na narrativa.

Referências bibliográficas

- Corvalán, C.S. 1983 . 'Tense and aspect in oral Spanish narrative context and meaning', in *Language*, vol.59, nº 4.
- Morey, D.B. 1986 . 'Algumas verificações sobre o modelo narrativo de William Labov e Joshua Waletzky'. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Labov, W. 1972 . 'The transformation of experience in narrative syntax', in *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. 1972a . *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Labov, W. 1981 . 'Speech actions and reactions in personal narrative', in Tannen, D., ed., *Analysing discourse: text and talk*. Washington, D.C.: Georgetown University Press.
- Labov, W. & Waletzky, J. 1967 . 'Narrative analysis: oral versions of personal experience', in Macneish, June H. ed., *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press.
- Schiffrin, D. 1981 . 'Tense variation in narrative', in *Language*, vol. 57, nº 1.

A N E X O

NARRATIVA 1

Entrevistador: Domingos Morey

("ã era. já sentiu alguma vez perigo de vida... a morte por perto?")

- | | | | |
|---|---|---|-------------------|
| a | Sõ uma vez. No carro. Nê? | } | SINOPSE |
| | Aquele carro que eu fui em cima. | | |
| b | Nê? Credo! Até dã prã rir. | } | AVALIAÇÃO |
| c | Não. Eu vinha passando lã na... | | |
| d | Aĩ! O nome daquela rua. Meu Deus! Pera aĩ. | } | ORIENTAÇÃO |
| | Aquela rua dos servidores, aquela rua ali, agora, | | |
| | que eu não sei dizer... Pera aĩ! | | |
| e | Aĩ, aquela rua que sãí dos servidores, | | |
| | que tem aquela bomba de gasolina agora, | | |
| f | que a gente entra ali. Aquela rua ali. | | |
| f | Vinha passando ali. | | |
| g | Tinha dois carros. | | |
| h | Aĩ uma senhora veio no fuca. | } | AÇÃO COMPLICADORA |
| i | Aĩ mandou eu parar. | | |
| j | Aĩ eu parei. | | |
| k | Parei. | | |
| l | Atravessar a rua. | | |
| m | Parei. | | |
| n | Ela garrou, | | |
| o | mandou eu passar. | | |
| p | Quando eu passei, | | |
| | ela botou o carro em cima. | | |
| g | Agora eu não sei, | } | AVALIAÇÃO |
| | se foi um milagre, | | |
| | ou foi devoção que eu tenho, | | |
| | a fé que eu tenho em muitas coisas | | |
| r | que eu quando ela veio com o carro, | } | RESOLUÇÃO |
| | eu pulei | | |
| s | e fiquei sentada na frente do carro, ali. | | |
| t | Quando eu dei conta de mim, | } | AVALIAÇÃO |
| | eu 'tava sentada em cima. | | |
| u | Foi sã. A única coisa, | } | CODA |
| | que aconteceu na minha vida. Nê? Mais nada. | | |

NARRATIVA 2

Entrevistadora: Solange Lira

- | | | | |
|---|-------------------------------------|---|------------|
| a | Aĩ na hora | } | ORIENTAÇÃO |
| | que o Papa chegou | | |
| | O pessoal tava tudo na avenida, nê? | | |
| | Tudo na avenida, tudo aqui. | | |

- b O pessoal cantando
c tiraram muito negócio de samba - Ave Maria do Morro. } ORIENTAÇÃO
- d Foi muito bacana! } AVALIAÇÃO
- e Então aí quando foi nove horas, oito e meia, oito e meia
f aí então começou a tocar o sino. }
g O sino tocando, tocando } ORIENTAÇÃO
h e os microfones anunciando.
i Os microfones, tinha até perto do hotel Nacional de um lado }
j e de outro.
- i Foi maravilhoso! } AVALIAÇÃO
- j Aí ele chegou.. } AÇÃO COMPLICADORA
- k Tava eu, uma colega e um senhor de Caxias. } ORIENTAÇÃO
- l Aí fomos ficar bem aqui na porta
pra gente jogar umas pétalas de rosa nele. } AÇÃO COMPLICADORA
- m Eu tava assim bem com uma tacha cheia de pétalas de rosa } ORIENTAÇÃO
pra jogar nele, né? } AVALIAÇÃO
- n E quando ele vinha descendo
parecia
que era Deus
que vinha descendo do Céu.
o Menina aquela lindeza!
p Aí eu disse: } AVALIAÇÃO
- Meu Deus! Pai eterno vem descendo!
- q Aí eu fiquei bem encostada assim no portão.
r Aí quando }
eu peguei assim as flores, } AÇÃO COMPLICADORA
Aí o Cardeal falou assim:
- Pode parar
que ele vai visitar sua casa.
- s Aí eu fiquei em pé.
- t Não sei
como foi
que eu fiquei. } AVALIAÇÃO
- u que quando eu olhei
já ia entrando aqui.
- v Aí entrou aqui,
x Aí foi lá no quarto,
z Foi na cozinha, } AÇÃO COMPLICADORA
aa levantou a cortina do banheiro.
- bb Perguntou tanta coisa! } AVALIAÇÃO
- cc Perguntou
de que eu vivia
quantas pessoas tinha.
- dd Aí eu disse:
- Vivo com uma pouca, uma pequena pensão
que o meu marido deixou. } AÇÃO COMPLICADORA

- ee - E dá
pra viver?
- ff Aí eu disse:
- Dá.
Com a ajuda de Deus dá, né?
Meus filhos me ajudam
e eu vou vivendo assim.
- gg Aí perguntou
se eu tinha descendência com polonês.
- hh Aí eu disse assim:
- Não senhor. Sou brasileira.
- ii Aí ele saiu.
- jj Aí eu fiquei tremendo.
- kk Parecia
que eu tinha tomado anestesia, sabe?
- ll Ah, chorava!
- mm Eu queria descer atrás dele.
- nn A polícia não deixou.
- oo Aí me agarraram,
- pp me deram água com açúcar:
- qq - Não. A senhora não vai não
que a senhora passa mal.

AÇÃO COMPLICADORA

AVALIAÇÃO

AÇÃO COMPLICADORA

NARRATIVA 3

Entrevistadora: Solange Lira

- a Depois quando ele tava aqui
quando ele entrou
meu filho foi chegando
- b que ele estava na segurança, né
- c Aí foi entrando,
- d Disse assim:
- Cadê sua Santidade?
- e Aí disseram:
- Entrou naquela casa.
- f Ele foi disse assim:
- Aquela casa é de minha mãe:
- g Os polícia(is) não deixaram
ele passar
- h Aí ele passou por debaixo dos polícia(is), no corrimão.
- i Ele passou por baixo
- j e entrou na casa
chorando.
- k Disse assim:
- Mãe, mãe! A senhora é rica!
A senhora é a mulher mais feliz do mundo!
A senhora é rica, mãe!
- l Aí ele pegou, botou a mão na minha cabeça, na cabeça do meu filho.
- m Aí ele disse assim:
- Como é seu nome?

ORIENTAÇÃO

AÇÃO COMPLICADORA

ORIENTAÇÃO ENCAIXADA

AÇÃO COM-
PLICADORA

- n Arnaldo disse assim:
- Eu sou Arnaldo Vieira da Silva.
Eu sou Presidente da Associação dos Moradores da Vila.
- o Aí ele pegou, aí disse assim:
- Quantos irmãos você tem?
- p Aí disse assim:
- Tenho três, três comigo.
- q Aí ele botou as duas mãos assim na minha cabeça, na cabeça dele.
- r Aí depois beijou a minha testa,
s beijou a teste dele,
t Botou a cabeça dele no meu ombro.
- u Aí disse:
- Olha. Esse braço
que eu estou dando em vocês
é prá todos os brasileiros.
- v Aí saiu.
- x Quando ele saiu aí
nós saímos atrás.
- z Aí eu fui lá no portão.
- aa De lá ele foi embora.
- bb Mas eu chorava,
cc eu chorava,
dd Eu dizia assim:
- Meu Deus! O Papa na minha casa!
Meu Deus é milagre de Jesus!

AÇÃO COM-
PLICADORA

AVALIAÇÃO

NARRATIVA 4

Entrevistadora: Solange Lira

- a E a festa animada, todo mundo animado. Tá bom.
Passou sábado, domingo. Tudo bem.
- b Quase na hora de vir embora essa filha mais velha é minha sobrinha
que não se dá com ela de jeito nenhum,
que vive batendo nela, por causa da chupeta,
as duas começou a brigar.
- c Mas a minha sobrinha sempre bate nela
d e ela sempre sai apanhando
e e não bate não.
f É meu marido fica prá morrer
g Ele acha
que s'ela tem que apanhar
ela tem
que bater também.
- h Aí meu marido ficou com tanta raiva da Flávia
i e vôou prá cima da Flávia,
j e bateu nela por causa da briga da chupeta.
- k Minha irmã não tem nada
a ver com isso.
- l É filha dele,

ORIENTAÇÃO

ORIENTAÇÃO
ENCAIXADA

AÇÃO COM-
PLICADORA

ORIENTAÇÃO E
AVALIAÇÃO

AÇÃO COMPLICADORA

AVALIAÇÃO

m ele bate nela
na hora qu'ele quiser.
n É problema dele, né?
o Minha irmã s'estorou
p e disse
qu'ele não ia bater nela, não.
que s'ele fosse homem,
ele tinha
que bater nela primeiro.
q Aí começou a briga, minha filha, da minha irmã com ele.
r E discute daqui,
s discute dali.
t Eu sei
que minha irmã foi falou
qu'ele não era homem.
u Eu sei
qu'ele foi prá dar um soco na cara dela.
v Meu cunhado se meteu, aquela confusão toda.
x Aí acordei correndo,
z fui lá
separar a briga.

AVALIAÇÃO

} AÇÃO COMPLICADORA

NARRATIVA 5

Entrevistador: Domingos Morey

("Podia me contar como foi a briga?")

a A briga foi dois irmão. Entende?
b É que um chegou assim,
cheio de maconha em casa,
c e o outro num queria,
que ele dormisse ali na casa junto cum eles,
que ele é criado c'uma moça, num é?
d Aí começou a brigar c'o irmão.
e Se num fosse os vizinho ir tirar,
ele matava o irmão.
f Eu cheguei até a pular na rua.
Que a moça desmaiou,
a velhinha que cuida dele, né?
g Aí é tia do meu pai, a moça, lá, né? Dali de cima.
h Aí eu fui.
i Cheguei na rua de camisola.
j Porque eu vi,
que tinha tanto grito, tanto grito,
e a mulher gritando.
que eu fui na rua
ver, correr
o que que era.

} ORIENTAÇÃO

} SINOPSE

} AVALIAÇÃO

} ORIENTAÇÃO

} AÇÃO COMPLICADORA

} AVALIAÇÃO

k Era três hora da madrugada.] ORIENTAÇÃO
 l Quando eu cheguei ali,
 a mulher 'tava desmaiada no chão. Num tem? } AVALIAÇÃO
 m Aí acudiram a mulher.] AÇÃO COMPLICADORA
 n E o rapaz todo pisado. Num tem? } AVALIAÇÃO
 o Deu até medo
 p Aí eu corri prá dentro de casa bem ligeiro. } AÇÃO COMPLICADORA
 q Me tranquei, né?
 r Quer dizer
 que eu tinha visto,
 porque já viu. Nê?] AVALIAÇÃO